



30º CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO



25 a 29 de novembro 2024

Bibliotecas Fortes:
Sociedade Democrática Recife, PE

Eixo 6 - O mundo digital: apropriação e desafios

Modalidade: [trabalho completo]

Práticas informacionais de bibliotecários e desinformação em plataformas de mídias sociais e aplicativos de mensagens instantâneas

Information practices of librarians and disinformation on social media platforms and instant messaging application

Francisca das Chagas Viana – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo: as informações elencadas neste trabalho fazem parte de uma tese de doutorado em Ciência da Informação vinculada à Universidade Federal da Bahia. Ressalta-se que, a referida pesquisa encontra-se em andamento. Quanto ao objetivo, esta produção científica apresenta dados obtidos da tese em sua fase de levantamento, seleção, leitura e análise de fontes de informação que tratam sobre os temas práticas informacionais e desinformação. Os resultados desse recorte apontam que as plataformas de mídias sociais e os aplicativos de mensagens são ferramentas usadas para a disseminação de desinformação e as crenças e emoções tornam as pessoas predispostas a acreditarem em conteúdos falsos.

Palavras-chave: práticas informacionais – bibliotecários. Desinformação – plataformas de mídias sociais. Desinformação – aplicativos de mensagens instantâneas.

Abstract: The information listed in this work is part of a doctoral thesis in Information Science linked to the Federal University of Bahia. It should be noted that this research is ongoing. Regarding the objective, this scientific production presents data obtained from the thesis in its phase of survey, selection, reading and analysis of information sources that deal with the topics of information practices and disinformation. The results of this analysis indicate that social media platforms and messaging applications are tools used to spread misinformation and beliefs and emotions make people predisposed to believe in false content.

Keywords: information practices - librarians. Disinformation - social media platforms. Disinformation - instant messaging applications.



1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é recorte de uma pesquisa de doutorado em Ciência da Informação vinculada à Universidade Federal da Bahia (UFBA). A tese de doutoramento tem o seguinte título provisório: *as práticas informacionais dos bibliotecários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí: tecendo diálogos sobre desinformação digital em rede*.

Os resultados apresentados nesta produção científica descrevem dados parciais da investigação supracitada e representam elementos constituintes da fundamentação teórica. Esses dados foram recuperados na fase de levantamento de fontes de informação sobre os temas: práticas informacionais e desinformação.

1.1 As práticas informacionais e a contribuição para a construção social da informação

Entende-se que relação entre as práticas informacionais e a construção social da informação acontece, dentre outras ações, quando as pessoas buscam, acessam e compartilham informação, independente do cenário e das ferramentas utilizadas. Essa construção é social por que é desenhada nas relações que, entende-se, não são unilaterais e constroem-se no coletivo.

No cenário atual essas práticas encontram um usuário ativo que, sendo consumidor e produtor de informação, também é protagonista de uma comunicação moderna, pautada por mediações tecnológicas como as plataformas de mídias sociais e aplicativos de mensagens instantâneas.

Metodologicamente, elas têm como aporte duas teorias fundamentais: a primeira delas é a Etnometodologia básica, importante para pensar o modo como as pessoas tomam decisões nas suas rotinas diárias; a outra vertente teórica é a praxiologia, uma abordagem que conforme Araújo (2022) “[...] trata da ação do sujeito no mundo”.

Os estudos dessa abordagem remetem às buscas cotidianas direcionadas ou não para o fomento de rotinas profissionais e acadêmicas. Reijo Savolainen (2016) ao se debruçar sobre busca de informação da vida cotidiana tratou de denominá-la de *Everyday Life Information Seeking* (ELIS). A base desse estudo compreendia as complexidades dessas informações cotidianas, observando como “[...] os fatores

cognitivos, afetivos e socioculturais impulsionam e impedem a busca, o uso e o compartilhamento de informações”.

Em algumas de suas considerações sobre o que seriam essas práticas, Savolainen descreve-as como o processo de busca e uso de informação, incluindo a comunicação formal e informal. Em Savolainen (2007, p. 124) essa abordagem é tratada como “[...] todas as ações práticas relacionadas à produção, armazenamento, manipulação, busca, transferência, avaliação e uso da informação ocorrem em um contexto social [...]”.

As pesquisas sobre as práticas informacionais, conforme Rocha, Gandra e Rocha (2018) existem desde os anos 60. Porém, como subárea dos estudos de usuários, um aprofundamento sobre essa abordagem só se estabeleceu a partir do ano 2000. No Brasil, as investigações mais recentes sobre o tema têm entre os nomes principais, o da pesquisadora Eliany Alvarenga de Araújo, que em um de seus trabalhos, menciona-a como “[...] ações de recepção, geração e transferência de informação que se desenvolvem através de circuitos comunicacionais que ocorrem nas formações sociais” (Araújo, 2001, p. 32).

Esse breve recorte histórico serve para demonstrar que o fluxo informacional e as práticas das pessoas no consumo e produção de informação preservam algumas nuances conforme o passar do tempo, e também conseguem acompanhar o movimento realizado pelo fenômeno informacional ao longo dos anos

Em um cenário mais recente, essa abordagem tem sido objeto de estudo de Nogueira (2018, p. 48) para quem, essas práticas dizem respeito às pessoas que “[...] buscam, acessam, apropriam-se e partilham a informação”. Nessa construção teórica das práticas informacionais, autores como Cruz e Araújo (2020) aproximam-na de um conceito inovador denominado de sujeito informacional. Eles defendem a substituição do termo usuários por este e essa urgência se daria em face à complexidade e dinâmica do fluxo informacional vigente e do papel que os indivíduos vêm desempenhando na produção e consumo de informações. Essa nova visão de sujeito é, segundo Silva (2019, p. 21) “[...] mais abrangente e não o coloca destacado como um indivíduo isolado de um cenário social desprovido de aspectos diversos que influenciam suas trajetórias de ações no meio”.

Essas últimas considerações revisitam um modelo de usuário agora protagonista da informação comunicada e partilhada em uma posição que décadas atrás era

destinada apenas para setores da mídia profissional, agora - ela se populariza e alcança anônimos. Embora haja nesse movimento alguns pontos positivos, existe a presença do fenômeno da desinformação que alcança, cada vez mais, adeptos, espaços e ferramentas para sua propagação.

1.2 A desinformação digital em rede

A desinformação não é um fenômeno recente na história da humanidade, mas vem apresentando um modo de disseminação que preocupa muito, pois sua viabilidade ocorre por intermédio de ferramentas tecnológicas que aceleram sobremaneira conteúdos falsos e manipulados para uma vasta quantidade de pessoas ao redor do mundo. Um de seus conceitos é proposto por Wardle e Derakhshan (2017, p. 5, tradução nossa) que destacam que “É quando informações falsas são compartilhadas conscientemente para causar danos¹”. Do ponto de vista de Schneider (2022, p. 15) a desinformação contemporânea é “[...] conjunto de ações desinformacionais veiculadas nas diversas redes digitais existentes tais como *Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, Telegram, Tik Tok* e similares.”

Esse modelo de desinformação é estruturado por operadores humanos e tecnológicos. Contudo, o comportamento do homem continua sendo o principal veículo de propagação, independente do tempo e das ferramentas usadas para sua disseminação, isso porque, o ser humano tem certa inclinação para valorizar o fantasioso e as informações que corroboram com seus desejos e suas crenças.

Entendendo que a desinformação é um fenômeno complexo que está sendo estudado por pesquisadores como Oliva (2011) citado por Gomes; Broens (2021, p. 18) “As informações que temos sobre o mundo se condensam em crenças” e Ariely (2024, p. 47) lembra que “os seres humanos são criaturas emotivas [...] as emoções tendem a preceder as crenças e costumam ser as principais impulsionadoras das nossas ações [...]”. É também de Ariely (2024, p. 143) a afirmação que “Crenças são poderosas porque, depois que as estabelecemos, torna-se muito raro questioná-las”.

Além de compreender que, a desinformação é construída observando esses elementos, é importante que ter conhecimento sobre tipologias e características que fazem com que ela se potencialize nos meios de comunicação, socialização e interação como as plataformas de mídias sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas.

Em seus escritos sobre desinformação, Wardle (2017, não paginado, tradução nossa) apresenta uma lista onde são elencados os 7 tipos de desinformação, nela observa-se a seguinte classificação: conteúdo enganoso, conexão falsa, sátira ou paródia, conteúdo fabricado, conteúdo manipulado, conteúdo impostor e contexto falso².

Algumas situações podem ser observadas no que se refere às formas de divulgação de conteúdos desinformativos. Wardle (2017) citadas por Gomes; Broens (2021, p. 112) destacam algumas delas:

- 1) Podem ser compartilhados automaticamente sem checagem;
- 2) amplificados por jornalistas pressionados a informar em tempo real;
- 3) gerados por grupos esparsos com a intenção de manipular a opinião ou;
- 4) utilizados por sofisticadas campanhas de informação que fazem uso de uma extensa rede de *bots* entre outros recursos.

Outra característica a ser conhecida desse fenômeno, diz respeito a seu ecossistema e como ele se aproveita das vulnerabilidades dos sistemas sociais, descritos por (Gomes; Broens (2021, p. 114) como:

- 1) Crise de confiança nas instituições;
- 2) funcionalidades das redes sociais digitais, tais como alto nível de interatividade, câmaras de eco e engajamento emocional;
- 3) manipulação emocional dos agentes, levando-os a estados/processos emocionais de cunho mais reativo e mecânico, frequentemente avessos à influência de processos reflexivos;
- 4) a operação de sentimentos episteméticos degenerados, que não possuem compromisso com métodos científicos de fixação de crenças e falibilismo.

A desinformação digital em rede traz várias consequências danosas para as pessoas, põe em xeque a confiança nas instituições, busca minar a democracia, confunde as pessoas em seus processos de acesso, busca e compartilhamento de informação e desafia entes políticos, econômicos, de saúde pública, tecnológicos e educacionais.

2 METODOLOGIA

No que se refere ao objetivo, este trabalho apresenta um viés descritivo. O procedimento adotado para essa descrição divide-se em duas fases: a primeira é apresentação de alguns dados coletados na tese durante um levantamento de fontes de informação voltados para os seguintes temas: práticas informacionais e desinformação. Essas informações estão expostas de forma quantitativa na seção análise e discussões.

A segunda fase traz considerações sobre as temáticas de forma analítica, quando as autoras deste trabalho, a partir das leituras de algumas publicações que compõem o referencial da tese, puderam citar autores e fazer suas considerações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na fase de levantamento de dados sobre práticas informacionais e desinformação, foram realizadas buscas na base de dados dos Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), em um intervalo de cinco anos (2015 a 2019), visto que, a temática da desinformação teve um cenário mais intenso a partir das eleições presidenciais nos Estados Unidos e no Brasil. Os itens recuperados nos Anais do ENANCIB nos períodos supracitados foram os seguintes: *práticas informacionais* = nove trabalhos; *desinformação* = 12 trabalhos. A maior quantidade de fontes recuperadas sobre práticas informacionais ocorreu nos anos de 2017 e 2018. Já sobre desinformação, a recuperação com maior incidência ocorreu em 2018 e 2019.

Outra pesquisa foi realizada na Base de Dados em Ciência da Informação Brasileira (BRAPCI) e os resultados foram os seguintes: *práticas informacionais* = 15 itens recuperados; *desinformação* = 35 itens. Percebeu-se uma repetição de trabalhos quando o termo de busca usado foi a palavra *desinformação*.

No ano de 2021 foi realizado outro levantamento, desta vez, a fonte de informação consultada foi o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o modo de acesso foi o remoto via Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) – IFPI.

Algumas técnicas de filtragem foram utilizadas nessa fase, como, por exemplo, o uso de aspas (“ ”) e do operador *booleano* AND. As associações foram as seguintes: “*disinformation AND librarians*”; “*desinformación AND librarians*”; “*informational practices AND librarians*”; “*prácticas informativas AND librarians*”.

A primeira base de dados consultada no Portal da CAPES foi a da *Emerald Insights*. O uso do descritor *disinformation* trouxe como resultado 823 itens; “*disinformation*” recuperou também 823; “*disinformation AND librarians*” recuperou zero resultados. Na segunda consulta os termos de busca foram *desinformación* e

“*desinformación*” (sem aspas e com aspas) e nos dois casos foram recuperados três itens cada. Uma terceira consulta ocorreu pela expressão “*informational practices*” recuperou 22 itens e a busca por descritores combinados por aspas e o operador AND (“*informational practices AND desinformation*”) trouxe zero resultados. A busca por descritores em língua espanhola “*prácticas informativas*” recuperou um item; “*prácticas informativas AND librarians*” recuperou zero resultados.

Outra base de dados selecionada no Portal da CAPES foi a *Science Direct (Elsevier)* e os termos usados foram os mesmos da busca anterior. Quando o descritor de busca foi *disinformation*, o número de itens recuperados foi 1.878; ao adicionar aspas ao descritor “*disinformation*” o número de publicações permaneceu o mesmo = 1.878 itens. A busca por “*disinformation AND librarians*” recuperou 88 resultados. Para a palavra *desinformación* e “*desinformación*” o resultado foi 240 itens. O uso da expressão *informational practices* recuperou mais de 2.086; quando adicionadas as (aspas) “*informational practices*” a recuperação foi de 1.633 itens. A formação conjunta da expressão+aspas+AND (“*informational practices AND disinformation*”) trouxe zero resultados. A mesma estratégia em língua espanhola para “*prácticas informativas*” recuperou sete itens e a com “*prácticas informativas AND librarians*” resultou em seis itens.

O número de trabalhos com a temática da desinformação pode ser considerado significativo para os períodos investigados, em especial para aqueles marcados por uma explosão de conteúdos falsos, a saber: as eleições para presidente nos Estados Unidos em 2016 e para presidente do Brasil em 2018. Outro fato que deve ser apontado é a disseminação de desinformação de forma exponencial durante a pandemia de COVID-19 que teve um de seus momentos crítico no ano de 2020. O tema esteve em voga nestes momentos e muitos pesquisadores se debruçaram para estudá-lo.

No eixo das práticas informacionais, identificaram-se alguns trabalhos com públicos-alvo variados, dentre eles, bibliotecários, Organizações Não-Governamentais (ONGs), bibliotecários, blogueiros literatos, influenciadores digitais, visitantes de museus, presidiários, clubes de leituras, LGBTQIA+, cartunistas, pessoas surdas, usuários de aplicativos, dentre outros. A literatura científica da área tem uma produção científica significativa nos últimos anos, mas ainda há questões que, segundo Cruz (2018, p. 54) precisam ser debatidas, como, por exemplo, “[...] escassez de modelos metodológicos

para o estudo dos sujeitos informacionais, no contexto sócio-histórico e cultural investigado”. Conforme o autor, essa dificuldade faz com os pesquisadores passem a fazer arranjos e triangulações para compreender o universo dos sujeitos informacionais (Cruz, 2018).

Sobre a desinformação, a literatura científica aponta que a intencionalidade é uma de suas principais características e que o ser humano é o agente vetor de disseminação. Essa predisposição para colocar aquilo em que se acredita acima dos fatos é apontado por Aronso e Aronso (2023, p. 34) da seguinte maneira: “[...] os seres humanos [...] chamados presunçosamente de Homo sapiens, afinal: humanos, os sábios, mas somos capazes de nos apegar a muitas crenças tolas e sofremos por isso”. Essa consideração não é exclusiva desses autores, outros pesquisadores têm tratado da relação entre as emoções, as crenças humanas e o compartilhamento de conteúdos desinformativos, dentre eles: Segurado (2021); Shane (2021); Weeks (2015); Santana Chaves; Simon-Astudillo (2022); Vousoghi; Roy; Aral (2018); Ecker *et al.* (2022).

Essa configuração do ecossistema da desinformação é uma das mais complexas e instigantes vertentes quando se pesquisa esse fenômeno secular. Estados emocionais que desencadeiam raiva, desesperança, ódio, estresse e medo, contribuem para que algumas pessoas acreditem em informações inverídicas mesmo quando elas são verificadas por agências de checagem. As emoções e as crenças, ao lado de outros elementos, fizeram pessoas de várias classes sociais e nível de escolaridade acreditarem em teorias da conspiração sobre vacinas no período da Pandemia de COVID-19 e, com isso, deixaram de se vacinar e tomar as precauções e medidas necessárias para a prevenção da doença. Do mesmo modo, são os elementos do comportamento e da personalidade humana que contaminam as informações que os sujeitos compartilham, que os tornam negacionistas da ciência e da história. Essa vertente é explorada pelos agentes da desinformação e, figura como uma das mais potentes fontes/causa do cenário posto.

Outro ponto analisado no *corpus* teórico sobre desinformação relaciona as plataformas de mídias sociais como o *Instagram*, *Facebook*, o *X* (antigo *Twitter*), *YouTube* e aplicativos de mensagens como o *WhatsApp* e o *Telegram* à disseminação da desinformação. Ferramentas tecnológicas como *bots*, perfis falsos e algoritmos são sistematicamente usadas para a alavancar a mentira, o engodo e a manipulação da

informação.

O posicionamento de Singer (2019, p.101) remete à problemática que envolve temas como responsabilidade das plataformas de mídias sociais e dos aplicativos de mensagens instantâneas em meio a propagação de conteúdos parcial ou totalmente falsos:

As big techs criaram a tecnologia e se veem como empresas de tecnologia. Mas isso também significa que elas estão em estado de “negação ativa” não apenas em relação à toxicidade que emana de suas plataformas, mas sobre quem elas mesmas são. [...] elas dizem, porém, que não podem decidir a respeito do que pode ou não ser veiculado. Não apenas podem, como elas fazem isso, alterando algoritmos para elevar ou reduzir o alcance de um conteúdo.

A quase inércia de algumas corporações de mídias tecnológicas diante do caos causado pela mentira travestida de verdade, tem suscitado debates acalorados no Brasil e isso inclui as manifestações de usuários contrários e favoráveis à regulamentação das mídias sociais, a aprovação do projeto de lei nº 2630/20 conhecido como a lei das *fake news* e outros mecanismos legais que tramitam na câmara. Esse cenário impulsiona o debate sobre os limites entre a liberdade de expressão e a censura em tais canais de comunicação. Trata-se de um assunto complexo que exige responsabilidade e compromisso de todos os entes da sociedade. Enfim, no Brasil, há um território hostil no ambiente das mídias sociais no que se refere à veracidade da informação, isso precisa ser resolvido.

Por último, a leitura e análise desses estudos sobre desinformação nos permite fazer as seguintes inferências: o enfrentamento ao problema deve ser responsabilidade de um conjunto de instituições e pessoas em seus diversos fazeres, a saber: operadores legais compostos por legisladores e tribunais; os tecnológicos como as próprias plataformas de mídias sociais e aplicativos de mensagens instantâneas que devem observar os preceitos autorregulatórios; os operadores da educação que englobam as escolas e as universidades; os operadores da comunicação social e suas agências de checagem e os ativistas sociais que muitas vezes é composto de Organizações Não Governamentais (ONGs) e donos de perfis, influenciadores, bibliotecários e outras pessoas físicas que utilizam essas ferramentas de mídias sociais em suas práticas informacionais.

Em suma, tudo isso pode contribuir para o processo de acesso, busca, partilha e

compartilhamento de conteúdos de modo saudável, preservando o direito constitucional que prega a liberdade de acesso à informação e a expressão sem esquecer a proteção à dignidade e a honra das pessoas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisadoras encerram o presente trabalho destacando que as fontes de informação ou dados coletados e selecionados na fase de levantamento e análise, assim como, aqueles que foram recuperados e em outros momentos e formatos de busca foram essenciais para a construção do percurso metodológico e teórico da produção supracitada no que se refere às temáticas das práticas informacionais e desinformação digital em rede.

Entende-se que esse recorte da pesquisa de tese de doutorado pode contribuir como recomendações de leitura para pesquisadores dos temas aqui explorados. Destaca-se também a importância da produção científica sobre os assuntos elencados neste trabalho para as áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil.

O fenômeno da desinformação é dinâmico, complexo e vem sendo discutido diariamente. Ele transita em vários setores da sociedade e pautas da agenda global, isso envolve cientistas da informação, legisladores, governos, psicólogos, jornalistas, dentre outros. Dar conta de tal fenômeno dentro do espectro científico, por exemplo, captar todos os detalhes de suas manifestações, das ações dos agentes de sua disseminação e dos desafios de paralisá-la, é uma tarefa árdua.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, sociedade e cidadania: práticas informacionais de Organizações Não Governamentais – ONGs brasileiras. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 6, n. 1, p. 31-54, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1683/1434>. Acesso em: 23 jun. 2023.
- ARONSO, Elliot; ARONSON, Joshua. Capítulo 2. Cognição social. *In*: ARONSO, Elliot; ARONSON, Joshua. **O animal social**. Tradução; Marcello Borges. São Paulo: Goya, 2023. P. 33-77.

ARIELY, Dan. Parte 1 – O funil da falácia. In: ARIELY, Dan. **Desinformação**: o que faz pessoas racionais acreditarem em fake news, teorias da conspiração e outras coisas irracionais. Tradução: Carolina Summer. Rio de Janeiro: Sextante. 2024. Livro eletrônico.

CRUZ, Ruleandson do Carmo; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Sujeito informacional, conceito em emergência: uma revisão teórico-conceitual em periódicos Ibero-Americanos. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.30, n.1, p. 1-22, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43934>. Acesso em: 09 set. 2024.

CRUZ, Ruleandson do Carmo. Proposta teórico-metodológica para o estudo de sujeitos informacionais usuários de sites de redes sociais virtuais. **Rebecin**, v.5, n.1., p.47-62, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4283>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ECKER, Ullrich K. H. et al. The Psychological drives of misinformation belief and its resistance to correction. **Nature Reviews Psychology**, v. 1, p. 13-29, January 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s44159-021-00006-y#citeas>. Acesso em 05 jul. 2024.

GOMES, Ana Paula de C.; BROENS, Mariana C. **A formação das crenças na era das fake news**: emoções e sentimentos epistêmicos. São Paulo: FiloCzar, 2021.

NOGUEIRA, Jamille Michele Xavier. Estudos de usuários da informação nas redes sociais na internet: uma etnografia virtual na Fanpage do TVU notícias. Dissertação (Mestrado em Gestão da informação e do conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Gestão da informação e do conhecimento. 2018. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2019. p. 24-44. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27049>. Acesso em: 10 set. 2023.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; GANDRA, Tatiane Krempser; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. Práticas informacionais: nova abordagem para os estudos de usuários de informação. **Biblios**, n. 68, p. 96 – 109. 2017. Disponível em: <https://biblios.pitt.edu/ojs/biblios/article/view/445>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SANTANA CHAVES, Julia Marks; SIMÓN-ASTUDILLO, Iris. El papel de las emociones en la construcción y difusión de la desinformación en Twitter: una comparativa entre Brasil y España. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 28, n. 4, p. 881-894. 2022. <https://openurl.ebsco.com/EPDB%3Agcd%3A14%3A22467582/detailv2?sid=ebsco%3Aplink%3Ascholar&id=ebsco%3Agcd%3A161096544&crl=f>. Acesso em 30 jun. 2024.

SAVOLAINEN, Reijo. Information Behavior and Information Practice: Reviewing the “Umbrella Concepts” of Information-Seeking Studies. **The Library Quarterly**, v. 77, n. 2, p. 109-132. April 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/517840>. Acesso em: 05 dez. 2023.

SAVOLAINEN, Reijo. Everyday Life Information Seeking. ASIS&T Research in Information Science Award. Special Section. p. 53-56. 2016. Disponível em:

<https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/bul2.2017.1720430317>

Acesso em: 15 jun. 2023.

SCHNEIDER, Marco. Introdução. In: SCHNEIDER, Marco. **A era da desinformação: pós-verdade, fake news e outras armadilhas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2022. p. 13-21.

SEGURADO, Rosemary. **Desinformação e democracia: a guerra contra as fake news na internet**. São Paulo: Hedra, 2021. 122 p.

SHANE, Tommy. The psychology of misinformation: why we're vulnerable. 30 jun. 2021. **First Draft**. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/articles/the-psychology-of-misinformation-why-were-vulnerable/>. Acesso em: 09 set. 2024.

SILVA, André Gustavo Fonseca da. Práticas informacionais. In: SILVA, André Gustavo Fonseca da. **Entrando em ação, movendo a cena: práticas informacionais nos ambientes do aplicativo Telegram**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. P. 19 - 69. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/31608>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SINGER, Petter Warren. Guerra de likes: precisamos dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar. [Entrevista concedida a] Mariana Barbosa. **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 97-107.

VOUSOGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. **Science**, Washington, v. 359, p. 1146-1151. 2018. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.aap9559>. Acesso em: 27 jun. 2024.

WARDLE, Claire. **Fake news. It's complicated**. 16 February, 2017. First draft. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/articles/fake-news-complicated/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

WARDLE, Claire; Hossein, DERAKHSHAN. Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research in policy making. [s.l.]: Concli of Europe report. DGI. 2017. p. 1- 109. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>. Acesso em: 17 dez. 2022.

WEEKS, Brian E. Emotions, partisanship, and misperceptions: how anger and anxiety moderate the effect of partisan bias on susceptibility to political misinformation. **Journal of communication**. v. 65, ed. 4, p. 699-719. 2015. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jcom.12164>. Acesso em: 03 jul. 2024.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”